



# VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

A prevenção na pesquisa em jornalismo ambiental diante dos desastres

24 a 26 de setembro de 2025 | online

## O olhar decolonial na prática do Jornalismo Ambiental<sup>55</sup>

Patrícia Kolling<sup>56</sup>

Gustavo Lima Silva<sup>57</sup>

**Resumo:** A proposta deste trabalho é refletir como a produção de uma pauta e de uma reportagem sobre a degradação do Rio Araguaia, em uma disciplina de Jornalismo Ambiental, pode tornar-se uma prática decolonial. Considera-se a epistemologia do Jornalismo Ambiental tanto no processo de apuração quanto de produção. A escolha das fontes, das imagens e das narrativas podem ser uma forma de desmantelar as relações de poderes, reconhecendo de maneira igualitária a heterogeneidade de saberes e de seres.

**Palavras-Chave:** Decolonial. Jornalismo Ambiental. Rio Araguaia. Desconstruir. Fontes.

Desconstruir é a atitude que direciona para uma pauta ambiental com um olhar, abordagem e perspectiva diferenciadas que contemplam os pressupostos do Jornalismo Ambiental. Inicialmente, é preciso desconstruir a ideia de que para haver uma pauta ambiental é necessário existir uma pesquisa científica com resultados comprovados, mostrando que um determinado rio está degradado, poluído, com menos peixes. Isso significa que, para uma pauta ambiental existir, muitas vezes vai

55 Este artigo resulta de reflexões do Projeto de Pesquisa Estudo das práticas e dos produtos comunicacionais e jornalísticos nos movimentos sociais de Mato Grosso e das atividades da disciplina de Jornalismo ambiental, semestre 2025/2, Universidade Federal de Mato Grosso/Campus Araguaia.

56 Docente da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Araguaia, Doutora em Comunicação, e-mail: patikolling@gmail.com.

57 Discente do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso, Graduando, e-mail: contatoglimagsilva@gmail.com.

bastar a existência de uma série de histórias de homens e mulheres ribeirinhos e/ou indígenas contextualizando suas vidas em volta do rio. Esta reflexão resulta de uma atividade de produção de uma reportagem audiovisual proposta na disciplina de Jornalismo Ambiental de um Curso de Jornalismo. Durante a disciplina, enquanto a pauta circulava buscando pesquisas científicas que mostrassem a degradação no Rio Araguaia, não houve avanços. Porém, quando se começou a focar a abordagem nos cidadãos que vivenciam as histórias, os mitos, as problemáticas do Rio Araguaia, que margeia nossa região, a produção avançou.

Esta prática em sala de aula leva-nos ao encontro da proposição de Torrico Villanueva (2019) a respeito da comunicação “ex-cêntrica”, aquela que rompe com o grupo “superior” e atravessa as fronteiras definidas pelo Ocidente, para pensar a partir das experiências da subalternidade, sendo essa comunicação uma rota alternativa ao proposto pelo “centro”. Nesta linha, Maldonado-Torres (2006, p.117) destaca a decolonialidade como “o desmantelamento das relações de poder e concepções de conhecimento que fomentem a reprodução das hierarquias de raça, gênero e geopolíticas que se originaram ou encontraram novas e mais poderosas formas de expressão no mundo moderno/colonial”. Ou seja, ao iniciar uma apuração jornalística ouvindo pescadores, antigos garimpeiros e indígenas que fazem do rio o centro das suas vidas, estamos subvertendo a ordem da hierarquização do jornalismo ocidental, que conforme destaca Traquina (2005), segue uma série de regras institucionalizadas, entre elas, a de valorizar as fontes oficiais, aquelas que ocupam posição de autoridade em alguma organização e, por isso, são consideradas mais credíveis. Conforme as pesquisadoras Loose, Kolling e Capeletti (2023) a valorização das fontes oficiais reflete exatamente a relação de dominação e inferiorização do outro constituída no período colonial. Aqui não se propõe que a pauta deixe de fora as fontes oficiais e científicas, mas que a pauta não gire somente ao redor delas e que as fontes de vivências ou fontes cidadãs têm muito a dizer, a contar e a ensinar. Sendo assim, é preciso valorizar a diversidade de conhecimento sem hierarquizar uns como mais

importantes que outros. Girardi e Loose (2021, p. 320) destacam essa necessidade no Jornalismo Ambiental:

[...] é preciso decolonizar a prática, rompendo com a lógica hegemônica do pensamento científico binário e cartesiano, que fragmenta os conhecimentos, presente não apenas nas redações e outros espaços de trabalho, mas nas universidades e demais espaços de formação (Girardi e Loose, 2021, p. 320)

Compreendemos, então, que é preciso romper com as “caixinhas” em que colocamos os temas e as fontes no jornalismo. E isso se torna imprescindível no Jornalismo Ambiental, exatamente, porque as temáticas ambientais não permitem a segmentação, como diz a jornalista, Claudia Gaigher (2024): “é como se estivéssemos montando um grande quebra-cabeça, que sempre tem algo a mais para ser falado, pois uma coisa puxa a outra”. Ela também compara a pauta ambiental a um novelo de lã, em que o fato é apenas o início, e que não pode estar isolado, mas perpassado pelo que aconteceu antes e pelas consequências. Este aspecto ficou muito evidente ao começarmos a discutir em sala de aula a pauta sobre a degradação do Rio Araguaia, vindo à tona aspectos sociais como a redução do número de pescadores na região, impactos na economia regional com a diminuição das áreas de depósitos de areia nas praias, as relações do assoreamento com o agronegócio, a diminuição da quantidade de água no rio e de peixes relacionada às mudanças climáticas. Enfim, todos aspectos vão se conectando na constituição de uma pauta que fala de meio ambiente, de economia, de política, do social.

Se a conexão é natural e evidente, não é mais aceitável que o meio ambiente seja concebido e pensado como algo externo a nós, como algo a ser dominado por nós, humanos. Para os povos indígenas e também para muitos povos tradicionais, essa separação não existe. “Todos formamos uma cadeia única e sagrada de vida, por isso, a atitude de respeito em relação à natureza”, explica Baniwa (2006, p. 101). Percebemos na sabedoria indígena, uma prática de coexistência e uma relação de

igualdade entre diferentes formas de vida, que não é coerente na dominação e nas hierarquias. É esta relação que precisamos tentar documentar, pois como ressalta Bueno (2007, p.36), existe a necessidade desse jornalismo potencializar uma perspectiva holística e multidisciplinar: “o saber ambiental [...] é resultado da articulação de múltiplos saberes, com forte e benéfica influência dos saberes, experiências e conhecimentos tradicionais”.

Esta relação, porém, que escuta diferentes vozes, que desfaz dicotomias e que incorpora formas outras de fazer jornalismo, não pode acontecer somente na escolha e na relação com as fontes; precisa acontecer nas nossas relações de aprendizagem e de trabalho em equipe, inclusive na relação entre professores e estudantes. É preciso desconstruir hierarquias para se reconstruir.

Integrar as fontes ribeirinhas e indígenas nas produções jornalísticas significa que, além de serem entrevistadas, essas pessoas vão colaborar ativamente na construção dos fatos, que terão liberdade e notoriedade para construir uma narrativa o mais fiel possível à própria realidade. Assim, o agente, antes passivo, agora se torna ativo nessa estrutura jornalística que comunica as culturas, vivências e problemas em relação ao contexto ambiental que o cerca. Nesse sentido, o jornalista tem o papel de identificar a potencialidade destas histórias e amplificar estas vozes que não são ouvidas.

Pensando sobre o potencial do cinema e do audiovisual, podemos lembrar como as produções do cinema estadunidense e europeu colaboraram ao longo da história para a construção de estereótipos dos diversos povos representados. Para Davi Kopenawa (2015) esse olhar colonizador cria imagens externas e exóticas sobre os povos indígenas, de fora para dentro. Já o movimento decolonial propõe o olhar de dentro para fora, assim sendo possível identificar as raízes culturais. Também, através da construção imagética do rio e suas diversidades, é possível mostrar que o rio é tudo aquilo que ele alimenta: a diversidade da flora, a beleza da fauna, os rostos e



# VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

A prevenção na pesquisa em jornalismo ambiental diante dos desastres

24 a 26 de setembro de 2025 | online

costumes de uma família pescadora, as histórias ouvidas em forma de conto, a rotina que respeita os ciclos do rio, as crenças.

Esta reflexão inicial sobre a pauta ambiental e a desconstrução de algumas regras básicas do jornalismo hegemônico resulta da conexão entre um movimento de pesquisa e ensino. A proposta é a partir do avanço da produção da reportagem aprofundarmos reflexões e considerações. Enquanto isso, percebemos o quanto a perspectiva decolonial desmantela relações de poder ao colocar fontes oficiais/científicas no mesmo patamar que fontes cidadãs ou de vivência, reconhecendo as múltiplas e heterogêneas diferenças do saber e do ser. Desta forma, permitimos a produção de um jornalismo verdadeiro, que reconhece os múltiplos lados de uma pauta, valorizando a diversidade de vozes e de saberes.

## Referências

BANIWA G. dos S. L. **O índio brasileiro**: O que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Ministério da Educação; LACED/Museu Nacional, 2006.

BUENO,W. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. Revista **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 15, p. 33-44, 2007.

GAIGHER, C. **Lançamento do Manual** para a cobertura jornalística dos desastres climáticos. Disponível em: Lançamento do Manual para a cobertura jornalística dos desastres climáticos - YouTube, disponível em 05/09/2025

GIRARDI, I. M. T.; LOOSE, E. B. Interfaces entre o debate colonial e os estudos de jornalismo ambiental. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 58, p. 319-333,2021.

LOOSE, E. B.; KOLLING, P.; CAPELETTI, J. Jornalismo ambiental e de colonialidade: a ênfase em ouvir outras vozes. **Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v.10.p.127-143,2023.

KOPENAWA, D. **A Queda do céu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

MALDONADO-TORRES, N. Césaire's gift and the decolonial turn. **Radical Philosophy Review**, (2006) 9(2), 111–138.



# VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

## A prevenção na pesquisa em jornalismo ambiental diante dos desastres

24 a 26 de setembro de 2025 | online

TORRICO VILLANUEVA, E. Para uma comunicação ex-cêntrica. **Matrizes**, São Paulo, v. 13, n. 3, p.89-107,2019.

TRAQUINA, N. A **tribo jornalística**: uma comunidade interpretativa transnacional. (Teorias do jornalismo, v. 2). Florianópolis: Insular, 2005.